



Um hotel para insetos é uma estrutura construída que simula o habitat para nidificação ou hibernação de insetos.

Os insetos são os principais agentes do processo da polinização, garantindo a reprodução de plantas, tanto agrícolas como naturais. São um pilar importante na alimentação humana e equilíbrio ecológico dos ecossistemas. Os hotéis disponibilizam o lugar que alguns insetos necessitam para completar o seu ciclo de vida. É por isso uma solução que deve e pode ser implementada em ambiente urbano, como forma de aí fomentar a biodiversidade natural.



ENTIDADES E ESTABELECIMENTOS PARTICIPANTES:

- 1 União de Freguesias N.S.V., N.S.B. e S.
- 2 Escola EB2/3 S. João de Deus
- 3 Sta. Casa da Misericórdia de MMN
- 4 Farmácia da Misericórdia
- 5 Cercimor
- 6 Supermercado S. João de Deus

- 7 Pensão Ferreira
- 8 Mini-mercado Almodóvar
- 9 Escola Conde Ferreira
- 10 Igreja Matriz
- 11 Biblioteca Municipal
- 12 Cabdeleireiro Luchy
- 13 Taberna do Armando
- 14 Mini Frescos Amanhe

Histórias entre vasos (ver no verso)

- Ruas com maior concentração de vasos e floreiras Verde Bairro



A biodiversidade urbana está dispersa por todas as áreas verdes, desde os pequenos canteiros, às varandas, aos grandes jardins. Ambientes urbanos ricos em biodiversidade proporcionam uma melhor qualidade de vida, melhoria da qualidades do ar, água, áreas de lazer de qualidade, diminuição das sensações térmicas extremas e regulação do ciclo da água.

VERDE BAIRRO é um projeto que visa estabelecer relações entre habitantes e o centro histórico, como meio de promoção da qualidade de vida, através de atividades de sensibilização para as alterações climáticas e promoção da biodiversidade, nomeadamente instalação de mini-jardins de plantas nativas e comestíveis, oferta de plantas, instalação de um hotel para insetos, workshops e campanhas de sensibilização.

O bairro, a rua e a biodiversidade são o ponto de partida para refletir sobre a importância do espaço público e dos espaços verdes em meio urbano, tanto para a saúde e bem-estar da população, como para a qualidade ambiental das cidades.

A Rua dos Almocreves
A rua recebeu esta designação por conta dos almocreves que ali habitavam durante os séculos XV e XVI. Estes profissionais estavam responsáveis pelo transporte de mercadorias entre localidades. Algumas das casas daquela rua ainda possuem argolas no exterior onde os almocreves atavam as cordas dos seus animais.
Montemor foi (...) um entreposto importante. Estava a meio caminho entre a fronteira e Lisboa, entre o Alentejo Interior e Lisboa e, portanto, os almocreves transportavam cereais, mel, barros e outras coisas, fruta e, em troca, (...) iam buscar ou peixe ou sal, produtos ali da costa. - V. G.

O Mito do Túnel
Conta-se que existia um túnel subterrâneo que fazia a ligação entre o castelo de Montemor-o-Novo e o Santuário da N. S. da Visitação. Muito se diz sobre este e outros túneis que são, muito provavelmente, túneis de canalização de águas.

A Rua Verde Ao que se sabe, esta rua deve a sua designação às ervas e ao musgo que nasciam nas pedras da calçada desta mesma rua durante o inverno.

As Tradições dos Santos Populares
Pela altura dos santos populares surgiam diversas fogueiras pelas ruas do centro da cidade. Era tradição comer e beber nas ruas até tarde, saltar as fogueiras e queimar alcachofras bravas como um ritual associado à sorte para o amor.
Praticamente, não havia rua em Montemor em que não houvesse uma fogueira. A rapaziada começava uns dias antes a carregar pasto e lenha que ia buscar ao castelo e às lojas buscar caixotes de madeira velhos, para queimar. Normalmente, havia grupos de rapaziada que corriam, na altura, a vila inteira para saltar as fogueiras todas da vila... A grande avaria, a grande demonstração de força e de virilidade era saltar as maiores fogueiras. - V. G.

Uma das coisas que era comum em todo o Montemor era as fogueiras de Santo António, São João e São Pedro. Lá na minha rua havia três (...) E íamos aí buscar as canavoursas. O que eram as canavoursas?
É as hastes secas dos favais (...). Era isso que a gente levava para acender as fogueiras e alimentar as fogueiras E depois havia as alcachofras... - M. F. V.

A Alcachofra passava-se pela chama da fogueira nos Santos, principalmente no dia de Santo António, coloca-se num vaso e se no dia seguinte se estivesse em flor era porque o rapaz amado gostava de nós. - V. S.



Um Castelo mais... Verde!
No castelo, durante muito tempo, durante anos, viam-se muitas ovelhas na encosta do castelo. Era um animal da paisagem daqui que desapareceu completamente. O castelo era defensivo e não podia ter nenhuma árvore à volta. Houve uma campanha por volta dos anos 40, a nível nacional, em que plantaram as árvores à volta. A paisagem só começou a ter aquelas árvores a partir daí. - J. S.

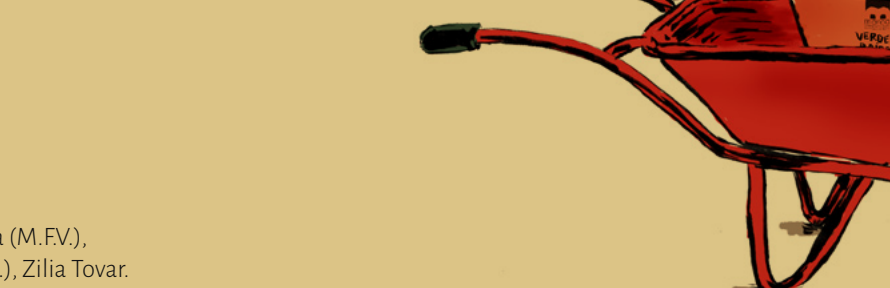
Terra do Cascabulho
Montemor-o-Novo sempre foi conhecida por 'Terra do Cascabulho' ou 'Vila Cascabulheira' Esta designação é uma referência aos vários pomares que por cá existiam, nomeadamente de maçã cunha.

(...) 'Terra do Cascabulho' porque Montemor era uma terra muito rica em pomares. (...) E os almocreves é que transportavam a fruta e, como é fácil de imaginar aí pelo caminho, pela viagem, iam sempre a trincar umas maçãs e uns pêros e se calhar iam largando o cascabulho pelo caminho. V. G.

O Milagre de Nossa Senhora da Visitação
O Alentejo é conhecido pelas suas extensas culturas agrícolas. Antigamente, em anos de seca, os montemorenses acreditavam que seria necessário um milagre para 'chamar' as águas de forma a salvar as suas plantações. Esse milagre passava por deslocar Nossa Senhora da Visitação do seu Santuário até à Igreja do Calvário. Consta que no próprio dia, ou nos seguintes, acabaria por chover. Muitos acreditavam que seria Nossa Senhora a chorar por ter saído da sua 'casa'.

As Maçanicas de África
As maçanicas de África eram muito apreciadas pelos rapazes e pelas raparigas que as compravam nos mercados, lojas, ou mesmo na casa dos vizinhos Íamos, as crianças iam, atrás do largo da Câmara, num portão grande, comprar maçanicas de África. - I. E.

A Destilaria
Na Travessa das Estoupas encontrava-se uma destilaria onde se fabricavam o granito e o licor de poejo. Esta foi fundada em 1893 e ali esteve presente até 1970. "A destilaria funcionava aí e era um senhor chamado Joaquim Rodrigues Amaro, o dono da destilaria. (...) E era tudo feito de uma forma muito artesanal, era feito mesmo com poejo. (...) e aqueles processos tradicionais de destilação com alambiques, as serpentinas... (...) Havia dois licores: era o poejo e o granito. - V. G.



A Praça Dr. Miguel Bombarda
Largo das Palmeiras
De 1858 a 1945 era no antigo Terreiro do Corro, hoje Praça Dr. Miguel Bombarda, que se realizavam os mercados de venda de frutas e hortícolas.
Era um mercado agrícola porque havia depois o mercado do peixe na Cândido dos Reis. - M. F. V.
Entre os sécs. XVI e XVIII, também na Praça Dr. Miguel Bombarda, realizavam-se as corridas de touros.
Eu adorava vir. Eu ainda tenho o chapéuzinho dos bombeiros (...) porque aquilo era para benefício dos bombeiros, as corridas ali. E eles mandavam fazer os capacetezinhos em metal e a gente pagava 25 tostões de entrada, para ver aquilo. M. L.

O Largo da Liberdade
(...) era o anfiteatro natural de Montemor. Ali é que se desenrolavam teatros, fantoches, marionetas, circo ambulante - são os contorcionistas, os malabaristas (...) e sobretudo a famosa dança da cabra que é uma coisa que se perdeu e era uma festa (...). Apareciam aí uns senhores, às vezes, com uma cabra e a cabra tinha que se pôr com as quatro patas, em cima do gargalo de uma garrafa. (...) Aguardar aquele momento mágico de ver uma cabra, ainda relativamente corpulenta, conseguir empoleirar-se em cima do gargalo da garrafa. - V. G.

A Romã no Brasão de Armas
No brasão de armas da cidade de Montemor-o-Novo é possível encontrar uma pequena romã rachada a meio, que está associada a São João de Deus e à sua ligação a Granada (em castelhano, romã).



conversas entre Vasos
histórias que ouvimos contar
COM REFERÊNCIAS A PLANTAS
SOBRE O CENTRO HISTÓRICO
Das conversas que iam acontecendo entre a equipa da Marca e os habitantes do centro histórico sobrevieram um conjunto de histórias e narrativas ligadas às plantas e às vivências do bairro ao longo dos tempos.

Esta é uma pequena amostra do que se conta hoje sobre o centro histórico, no centro histórico.

